



Acampamento de férias prolongado

Extended vacation camp

Lucas Silva Pamio ¹

lucasspamio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1067-1556>

<http://lattes.cnpq.br/6133467212870187>

1 - Arquiteto e Urbanista, especialista em Planejamento Urbano e Políticas Públicas na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Resumo: Nos últimos anos, tem sido cada vez mais frequente avistar na paisagem urbana da cidade de São Paulo, acampantes. São moradores em situação de rua, vulneráveis e expostos à violência, descaso, falta de oportunidades e alternativas de rumos prejudiciais, que se fixam em locais movimentados, geralmente em regiões centrais. Se há certa beleza nas imagens aqui apresentadas, essas mascaram o drama que é viver na rua, tendo como proteção paredes e teto de lona ou plástico. Em preto e branco, os registros são apresentados em plano aberto, como quem observa.

Palavras-Chave: Moradores de Rua; Acampamento Urbano; Observador.

Abstract: Recently, it has become increasingly frequent to spot campers in the urban landscape of the city of São Paulo. These are homeless people, vulnerable and exposed to violence, neglect, lack of opportunities and harmful alternatives, who settle in crowded places, usually in central regions. If there is a certain beauty in the images presented here, they mask the drama that is living on the streets, having walls and canvas or plastic roofs as protection. In black and white, the records are presented in open plan, as if observing.

Keywords: Street Residents; Urban Camping; Observer.



Muitos são os fatores os quais, contribuem para ocorrerem mudanças tão significativas no processo de metamorfose urbana, o aumento populacional, questões ligadas a especulação, dificuldades de uns e facilidades de outros, interesse público privado, além de problemáticas relacionadas à própria vida da urbe. Todavia, pensar a cidade como um mecanismo em transformação, compele refletir sobre tal decurso, pois se a cidade é feita pelas e para as pessoas, não seriam as pessoas que estariam passando por processos de metamorfose?

A respeito da cidade em transformação, a reprodução do espaço urbanizado possui grande parcela de responsabilidade, ao mesmo tempo que contribui com o progresso, dificulta acessos e equilíbrios. É fato, que a cidade em sua definição urbanística seja palco de transformações, tal qual o inchaço populacional ou as relações intersociais que hierarquizam, econômica e culturalmente os agrupamentos. Se a cidade é o palco, os atores são as pessoas e neste caso é representado por aqueles que vivenciam os riscos e experimentam uma vulnerabilidade pouco opcional — os moradores de rua, os quais integram, a quem Santos (1998) apresenta como os pobres da cidade.



Se no processo de expansão urbana, as pessoas saíam do campo em direção às cidades, hoje com as cidades já transformadas, busca-se o campo como espaço temporário de descanso, vivenciando novas experiências, como a de acampar sob as estrelas e por mais satisfatório que seja a experiência, retorna-se para a civilização, para o conforto, as comodidades, facilidades e proteção. Seguindo a mesma lógica de acampamento, cada vez mais acampantes, são forçados a experimentar e contemplar a paisagem urbana da cidade de São Paulo, passando longas temporadas em diversos pontos da cidade, tratam-se de sujeitos que convergem aos problemas urbanos e sociais. Que neste caso, utilizam barracas de acampamento como moradia prolongada, sem uma casa tradicional, conforme analisa Carlos (2007), ficam impossibilitados de vivenciar o mundo por completo.

Devido a problemas estruturais pessoais ou familiares, dificuldade econômica, ou devido um grande trauma, as barracas de camping, advindas de doações, da compra, ou de processos de criatividade para improvisar uma, têm-se tornado um artefato comum na paisagem urbana desta megacidade. Condição temporária de moradia, que acabam resistindo as intempéries cronológicas e temporais, tal qual seus ocupantes, que também resistem. Muitas vezes tendo o fluxo como vizinhos, além das dificuldades já expressas, encontram-se expostos a rumos prejudiciais, como a criminalidade e o uso de entorpecentes, todavia, estar na rua não diz respeito necessariamente a ser temido e evitado socialmente.





Não é recente o conceito de camping para pessoas em situação de rua, como uma saída temporária de abrigo e proteção, todavia, com o agravamento da pandemia e suas consequências, sociais, econômicas, psicológicas, o número de barracas e tendas improvisadas tem aumentado, como exemplo a cidade de São Paulo, em que barracas podem ser vista embaixo do Viaduto Santa Ifigênia, no Largo do Paissandu, no túnel José Roberto F. Melhem na Avenida Paulista, ao longo da Avenida São João e em praças da região central.



Vindos de diferentes regiões, os atravessantes, ou seja, os moradores em situação de rua que atravessam diferentes pedaços de chão paulistano, se deslocam em direção as regiões centrais, devido a maior concentração de infraestrutura e circulação de pessoas, que eventualmente possam querer lhes enxergar com caridade. Na dinâmica de fixação desses moradores de rua, Santos (1988), salienta a maneira como as pessoas se distribuem, transformando o espaço habitado, apesar do geógrafo se referir as pessoas como espécie em relação ao globo, tal análise aplica-se à estas pessoas, que parecem ter como ponto de partida a proximidade para fixarem, uma vez que isolados, expõem-se ainda mais à ação de agentes, ou até mesmo de outros moradores, com isso, acabam acampando próximo a outros.

Se há o reconhecimento por parte dos moradores de rua, de que a rua e demais locais públicos são lugares de moradia, os mesmos não podem negar que também se tratam de lugares de atenção redobrada, de falsa liberdade e de alienação. Na heterogeneidade dos moradores de rua, quem acampa, costuma abrigar familiares, ou amizades firmadas a partir da própria experiência de estar e pertencer à rua (FRANGELLA, 2009).



Dos registros fotográficos e fotocolagens, que apresentam cenas de acampamento, que ainda expressem certa beleza, contribuem para evidenciar contrastes que não alteram destinos, os viajantes continuam deambulando, acampando em diversos pontos da cidade. Na cidade em metamorfose, finge-se ver, ouvir e sentir estes acampantes errantes. Como espectadores, por vezes, observa-os, os poetiza, mas os ignora. Afinal de contas, somos borboletas, ou regredimos à lagarta faminta e tão singular?

Referências

CARLOS, A. F. A. Metamorfoses Urbanas. GeoTextos, Universidade Federal da Bahia. vol. 3, n. 1 e 2, 87–200, 2007.

FRANGELLA, Simone Miziara. Corpos Urbanos Errantes. Uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Anablume, Fapesp, 2009.

SANTOS, Milton. METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

_____. 1998. A urbanização latino-americana. São Paulo: Hucitec.